

---

- **FONOLOGIA II**

Coordenador(a): *Luiz Carlos Cagliari*

---

### **A ILUSÃO DE KENNETH L. PIKE**

*Luiz Carlos Cagliari (UNESP)*

Ao colocar o sub-título a “technique for reducing languages to writing” na obra “Phonemics” (1947), Kenneth L. Pike tinha em mente a possibilidade de usar uma descrição fonêmica para criar um sistema de escrita para as línguas, em especial, para as línguas ágrafas. Essa idéia, generalizada entre os estruturalistas, representa um ideal impossível de se alcançado por causa de como se estabelece uma ortografia; e uma escrita sem ortografia não tem valor social. A relação entre esses elementos é o objeto da presente comunicação.

### **AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO DIALETO DE BELO HORIZONTE: ESTUDO DA VARIAÇÃO SEGUNDO A TEORIA DA OTIMALIDADE**

*Marlúcia Maria Alves (UFMG)*

O presente estudo visa a analisar, de forma detalhada, a variação de vogais médias pretônicas de Belo Horizonte segundo o enfoque da Teoria da Otimalidade, que tem como principais objetivos

estabelecer as propriedades universais da linguagem e caracterizar os limites possíveis de variação lingüística entre as línguas naturais. Segundo esta teoria, é nas formas de superfície de uma dada língua que é possível encontrar soluções para os conflitos entre as restrições que competem entre si. Uma forma de superfície é considerada ótima se ela apresenta violações menos graves, considerando-se um conjunto de restrições ranqueadas conforme a hierarquia de uma língua específica. As restrições são universais e diretamente codificadas por critérios de marcação e princípios que reforçam a preservação de contrastes. Especificamente sobre o dialeto de Belo Horizonte, é possível considerar dois modos de variação das vogais médias em posição pretônica: a variação condicionada por processos fonológicos e a variação de uma mesma palavra. Com relação ao primeiro modo, palavras como “[O]f[O]ca” e “[e]p[o]lho” apresentam harmonia vocálica tanto relacionada ao timbre aberto quanto ao timbre fechado da vogal média tônica da palavra. Com relação à palavra “[o]cada”, ocorre neutralização, já que neste dialeto predomina o timbre fechado das vogais médias pretônicas. E em “[p]iqueno”, ocorre redução vocálica. O segundo modo de variação, neste dialeto, mostra que a palavra “moderno”, por exemplo, apresenta três formas de pronúncia, “[O]derno”, “[o]derno”, “[u]derno”. Segundo a Teoria da Otimalidade, é possível analisar casos de variação intradialetal. Neste estudo, de modo particular, o dialeto de Belo Horizonte é considerado como língua específica e que possui uma única gramática com ranqueamentos parciais, conforme cada modo de variação. Isto quer dizer que, segundo esta abordagem, não haveria uma única hierarquia de restrições sobre este dialeto, mas algumas hierarquias apresentando este ordenamento parcial.

## **OS RÓTICOS NO PORTUGUÊS DE CARAMBEÍ/PR**

*Leticia Fraga (UEPG)*

Este trabalho faz parte de tese de doutoramento em andamento cujo objetivo é analisar a situação sociolingüística da cidade de Carambeí (PR), cidade que é uma das seis colônias holandesas do Brasil. Fará parte dessa análise descrição do sistema fonológico do português falado por descendentes de holandeses da região. Tendo em vista que a aquisição da fonologia de uma língua implica o aprendizado de vários aspectos relacionados aos sons que compõem o sistema daquela língua, a presente comunicação tratará de um aspecto em particular do português “carambiano”. Discutiremos o ‘r’ em posição de onset no português falado pelas 2ª e 3ª gerações nascidas no Brasil, as quais são bilíngües em holandês e português. De modo geral, esses informantes primeiramente adquiriram o holandês e, em seguida, por volta dos cinco anos de idade, o português. A hipótese a ser verificada é a de que a fonologia do holandês influenciou o processo de aquisição do sistema fonológico do português. No entanto, é importante atentar para o fato de que alguns informantes são falantes de “alto holandês” (ou ABN), outros, de dialetos de holandês (como o Fris) e outros, ainda, de “alto holandês” e de dialeto; de que forma essa realidade poderia interferir fonologicamente no português falado por essas pessoas? Os primeiros resultados da pesquisa levam a crer que os bilíngües em holandês e em português dividem-se em dois grupos: o que realiza o ‘r’ do português, em posição de onset, como fricativa velar surda e o que realiza como vibrante múltipla.

## **REDUÇÃO SILÁBICA, HAPLOGIA E RITMO NO DIALETO DA CIDADE PAULISTA DE CAPIVARI**

*Eneida de Goes Leal (USP)*

O trabalho pretende analisar a queda de sílaba, mais especificamente, a redução silábica e a haplogia, no dialeto da cidade paulista de Capivari. O principal objetivo é analisar a haplogia

(apagamento de sílabas iguais - em geral, formadas por consoante /t/ e /d/ mais vogal [+alta]) e a redução silábica (apagamento de sílabas diferentes), buscando uma análise métrica do ritmo em que a queda de sílaba ocorre no dialeto capivariano, bem como analisar os seus bloqueios. Assim, foi analisada a relação entre os processos fonológicos e ritmo da fala. Para tal intento, o embasamento teórico usado foi a teoria métrica de Halle & Vergnaud (1987), a qual aborda o ritmo da fala por meio de constituintes representados em grades métricas.

A análise segmental dos processos foi feita a partir de Alkmim & Gomes (1982) e Tenani (2003) e foi feita a aplicação dessas duas teorias aos dados. Pôde-se observar que ambas as teorias são muito restritas, com relação ao dialeto em questão; dessa forma, a redução silábica e a haplogia foram definidas conforme suas ocorrências nos dados.

Os dados analisados até o momento permitem levantar a hipótese de que a redução silábica e a haplogia dependem de fatores rítmicos para que esses processos sejam efetivamente aplicados.